

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
DO RIO GRANDE DO NORTE

ALLAN KEDSON FRUTUOSO DA SILVA

**PERFIL DO CORPO DISCENTE E EGRESSOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM
AGROECOLOGIA DO IFRN *CAMPUS* IPANGUAÇU/RN**

IPANGUAÇU

2022

ALLAN KEDSON FRUTUOSO DA SILVA

**PERFIL DO CORPO DISCENTE E EGRESSOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM
AGROECOLOGIA DO IFRN CAMPUS IPANGUACU/RN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Agroecologia.

Orientador(a): Prof.^a DSc. Sandra Maria Campos Alves.

Coorientador(a): Prof.^a DSc. Renata Nayhara de Lima

IPANGUAÇU

2022

S586p Silva, Allan Kedson Frutuoso da.
Perfil do corpo discente e egressos do curso de tecnologia em agroecologia do IFRN *campus* Ipanguacu/RN / Allan Kedson Frutuoso da Silva. – 2022.
42 f : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Tecnologia em Agroecologia) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Ipanguaçu, 2022.

Prof.^a Dsc. Sandra Maria Campos Alves.

1. Agroecologia - Egressos. 2. Escolarização. 3. Discente - Percurso. I. Alves, Sandra Maria Campos. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. III. Título.

CDU631.95-057.87(813.2)

ALLAN KEDSON FRUTUOSO DA SILVA

**PERFIL DO CORPO DISCENTE E EGRESSOS DO CURSO DE TECNOLOGIA EM
AGROECOLOGIA DO IFRN CAMPUS IPANGUAÇU/RN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Tecnologia em Agroecologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, em cumprimento às exigências legais como requisito parcial à obtenção do título de Tecnólogo em Agroecologia.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado em ___/___/___, pela seguinte Banca Examinadora:

BANCA EXAMINADORA

DSc. Sandra Maria Campos Alves, - Presidente

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

DSc. Renata Nayhara de Lima - Examinadora

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

DSc. Diego Resende de Queirós Pôrto - Examinador

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Aos meus pais, que nunca descreditaram de mim e que sempre me motivaram em todos os momentos da vida me fazendo chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, primeiramente, por me guiar em todos os caminhos e, desta forma, ter me feito chegar até aqui, viver o que vivi, conhecer quem conheci e, principalmente, ter me fortalecido nos momentos mais difíceis. Agradeço aos meus pais, Ana Patrícia Frutuoso da Silva e Akilles Kedson da Silva, por terem feito tudo que podiam com tudo que tinham para proporcionar o melhor para seus filhos. Por sempre me confiarem, me aconselharem e, acima de tudo, me amarem. Ao meu irmão, Adrian Kedson Frutuoso da Silva, por me motivar a ser a melhor versão de mim para que eu possa lhe servir de inspiração.

Aos meus amigos/irmãos: Anderson Renan Aprígio da Silva, Erison Derkian de Souza, Felipe Silva Mendonça, e Luan Victor Alves de Farias por todo suporte que me foi prestado (no âmbito pessoal e/ou acadêmico).

A minha orientadora, Dr^a. Sandra Maria Campos Alves, pela confiança em mim, pelo seu papel de grande importância no meu desenvolvimento pessoal/acadêmico e por sempre me ajudar a enxergar todo o potencial que tenho dentro de mim.

Aos meus companheiros de sala de aula, especialmente: João Maria Batista Ribeiro Junior (Juninho), Maria Luiza Hipólito de Oliveira, Eloisa Silva Araújo, Jislâny Thaís Fernandes Segundo e Lindomar Mota Silva.

A todos(as) ex-alunos(as) que contribuíram com a pesquisa respondendo e intermediando o contato com os antigos colegas de turma.

“Porque Dele e por Ele, e para Ele, são todas as coisas; glória, pois, a Ele eternamente. Amém.”

Romanos 11:36

RESUMO

A revolução verde causou grande impacto devido a modernização dos implementos agrícolas e do manejo intensivo para a produção alimentícia em grande escala, dentre outros fatores. As consequências desse processo incluem o uso indiscriminado de agrotóxicos, êxodo rural, avanço territorial por parte das grandes indústrias e exclusão de agricultores familiares. Nesse mesmo cenário, surge a necessidade de contraposição a esse modelo vigente de produção de alimentos e manejo da propriedade rural, iniciando assim, um ciclo de debates que culminaram em cursos técnicos e superiores de agroecologia espalhados pelo país. Dentre esses espaços, tivemos a implantação do Curso de Agroecologia no IFRN *Campus* Ipanguaçu/RN, um território ocupado por indígenas, quilombolas, acampados, assentados, agricultores familiares e empresários do agronegócio. Este trabalho se propôs a realizar o levantamento de dados referentes às turmas matriculadas entre os anos de 2012 a 2016 do curso superior Tecnologia em Agroecologia, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – *Campus* Ipanguaçu, enfatizando o percurso da formação discente. Para isso, foram levantados os dados oficiais da Secretaria Acadêmica do *Campus* e contatados os alunos egressos através de meios digitais, realizando um questionário por meio da ferramenta *Google Forms*. Foram aplicados 26 questionários dentre os 52 egressos formados. O questionário foi aplicado entre 28/06/2021 e 06/01/2022. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Os dados obtidos a partir da Secretaria Acadêmica mostram que o grupo feminino é mais participativo no curso Tecnologia em Agroecologia. Os índices de matrículas, evasão e de conclusão do curso por parte do grupo feminino são superiores quando se comparado aos índices do grupo masculino. Considerando as possibilidades de mercado de trabalho para os/as egressos (as), o IFRN/IP vem tomando iniciativas, a exemplo do Programa de Residência Profissional Agrícola (PRPA), para suportar eles/elas, bem como direcionar os atuais alunos do curso a obter a experiência prática remunerada na sua área de formação. Vale ressaltar que o fenômeno “evasão” não é nenhuma particularidade regional ou local, e se faz presente em todo o território nacional. Todavia, sua motivação pode se dar por diversos fatores.

Palavras-chave: Agroecologia. Egressos. Trajetória. Discentes. Percurso. Escolarização.

ABSTRACT

The green revolution had a great impact due to the modernization of agricultural implements and intensive management for large-scale food production, among other factors. The consequences of this process include the indiscriminate use of pesticides, rural exodus, and territorial advance by large industries and exclusion of family farmers. In this same scenario, the need arises to oppose this current model of food production and rural property management, thus starting a cycle of debates that culminated in technical and higher agroecology courses spread across the country. Among these spaces, we had the implementation of the Agroecology Course at the IFRN Campus Ipanguaçu/RN, an occupied territory by indigenous people, quilombo community, campers, settlers, family farmers and agribusiness entrepreneurs. This work proposed to carry out a data collection regarding the classes enrolled between the years 2012 to 2016 of the higher course Technology in Agroecology, offered by the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio Grande do Norte - Campus Ipanguaçu, emphasizing the path of student training. For this, official data from the Academic Secretariat of the Campus were collected and the graduating students were contacted through digital means, carrying out a questionnaire through the Google Forms tool. 26 questionnaires were applied among the 52 graduates trained. The questionnaire was applied between 06/28/2021 and 01/06/2022. This is a qualitative, exploratory and descriptive research. The data obtained from the Academic Secretariat show that the female group is more participatory in the Technology in Agroecology course. Enrollment, dropout and course completion rates by the female group are higher when compared to the male group. Considering the possibilities of the job market for graduates, the IFRN/IP has been taking initiatives, such as the Agricultural Professional Residency Program (PRPA), to support them, as well as direct current students of the course to gain paid practical experience in their field of training. It is worth mentioning that the “evasion” phenomenon is not a regional or local particularity, and is present throughout the national territory. However, its motivation may be due to several factors.

Keywords: Agroecology. Graduates. Trajectory. Students. Schooling.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1	– Fachada do IFRN – <i>Campus</i> Ipanguaçu.....	20
Figura 1	– Mapa da localização do <i>Campus</i> Ipanguaçu.....	22
Gráfico 1	– . Percentual de aproveitamento do curso por Mulheres (A) e Homens (B) da turma de 2012.....	25
Gráfico 2	– . Percentual de aproveitamento do curso por Mulheres (A) e Homens (B) da turma de 2013.....	26
Gráfico 3	– . Percentual de aproveitamento do curso por Mulheres (A) e Homens (B) da turma de 2014.....	27
Gráfico 4	– . Percentual de aproveitamento do curso por Mulheres (A) e Homens (B) da turma de 2015.....	28
Gráfico 5	– . Percentual de aproveitamento do curso por Mulheres (A) e Homens (B) da turma de 2016.....	29
Gráfico 6	– Comparativo do número de Mulheres (A) e Homens (B) entre as turmas do curso.....	29
Gráfico 7	– Gênero sexual dos(as) entrevistados(as).....	31
Gráfico 8	– Cor de pele dos(as) entrevistados(as).....	31
Gráfico 9	– Estado civil dos(as) entrevistados(as).....	31
Gráfico 10	– Quantidade de filhos dos(as) entrevistados(as).....	3
Gráfico 11	– Renda mensal.....	32
Gráfico 12	– Idade no início do curso.....	32
Gráfico 13	– Idade ao receber o diploma.....	32
Gráfico 14	– Idade atual.....	32
Gráfico 15	– Turma que pertencia.....	33
Gráfico 16	– Trabalhou como agroecólogo(a).....	33

Gráfico 17	– Tempo estimado até conseguir se inserir no mercado de trabalho como agroecólogo.....	34
Gráfico 18	– Exerce atividade remunerada atualmente.....	34
Gráfico 19	– Exerce profissão de agroecólogo(a) atualmente.....	34
Gráfico 20	– Possui outra formação acadêmica.	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Apresentação do número de matrículas realizadas, estudantes formados (as), evadidos (as), jubilados(as) e ativos(as) categorizado pelo sexo entre os anos de 2012 a 2016.....	25
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEFET-RN	Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte
CETANVALE	Centro de Tecnologias em Agronegócios do Vale do Açu
CNCT	Catálogo Nacional de Cursos de Tecnologia
CNEC	Campanha Nacional de Escolas da Comunidade
DNOCS	Departamento Nacional de Obras Contra a Seca
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FINOBRASA	Fiação Nordeste do Brasil S.A
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFB	Instituto Federal de Brasília
IFRN	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
MEC	Ministério da Educação
ONG	Organização Não Governamental
PRONAF	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
PRPA	Programa de Residência Profissional Agrícola
SEAC/IP	Secretaria Acadêmica <i>Campus</i> Ipanguaçu
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TS	Tecnologia Social
VBP	Valor Bruto da Produção

LISTA DE SÍMBOLOS

% Porcentagem

R\$ Real

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	14
2.	OBJETIVOS	16
2.1	Objetivo Geral.....	16
2.2	Objetivos Específicos	16
3.	REFERENCIAL TEÓRICO	17
4.	METODOLOGIA.....	22
5.	RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
5.1	DADOS FORNECIDOS PELA SEAC/IP – IFRN/IP	23
5.1.1	Turma de 2012	23
5.1.2	Turma de 2013	25
5.1.3	Turma de 2014	26
5.1.4	Turma de 2015	27
5.1.5	Turma de 2016	28
5.1.6	Jornada de entrada e saída dos alunos(as) no decorrer do curso.....	29
5.2	RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO JUNTO AOS EGRESSOS	31
	APÊNDICE A – CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS ALUNOS EGRESSOS DO CURSO DE NÍVEL SUPERIOR TECNOLOGIA EM AGROECOLOGIA NA CIDADE DE IPANGUAÇU	41
	QUESTIONÁRIO	41

1. INTRODUÇÃO

Na década de 1970, tiveram início várias críticas à perspectiva de formação baseada na modernização da agricultura, impulsionadas pelos impactos negativos que ocorreram em áreas rurais, especialmente do ponto de vista do uso indiscriminado de agrotóxicos e o êxodo rural causado pelo aprofundamento da estrutura agrária concentradora e desigual. A esse respeito, iniciaram-se dois movimentos quase paralelos. Por um lado, os camponeses, expulsos de suas organizações nacionais, devido à ação dos militares, buscaram novas formas de articulação coletiva e encontraram nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) - um campo mais progressista da Igreja Católica - uma oportunidade para a reorganização política, social e metodológica. Por outro lado, técnicos da extensão rural, intelectuais das ciências agrárias e sociais e estudantes iniciaram um movimento de reflexão sobre o impacto da modernização e começaram a discutir tecnologias alternativas para os camponeses (SOUSA, 2017). Paralelo a isso, tivemos impactos profundos ligados a poluição ambiental e exclusão de pessoas das classes menos favorecidas ligadas ao campo, surgindo questionamentos sobre os modos de produção agrícola nas universidades, institutos de pesquisa e demais setores.

Desde 2008, somos os maiores consumidores globais de insumos químicos para agricultura. Mas, diante de uma balança comercial envaidecida por números sedutores, discutir os reveses desse modelo agrário tornou-se tabu. A eterna e robusta economia agroexportadora, baseada em bens primários de baixo valor agregado, insiste em se reafirmar - ainda que assombrada por uma crise de percepção e acompanhada de temerosas dívidas sociais e ambientais (KUGLER, 2012).

Na última década, o Brasil expandiu em 190% o mercado de agrotóxicos, o que colocou o País em primeiro lugar no *ranking* mundial de consumo desde 2008. Dez empresas controlam mais de 70% desse mercado no País. Somente na safra de 2010 e 2011, foram consumidas 936 mil toneladas de agrotóxicos (RIGOTTO, 2014). Devido à contaminação ambiental e aos resíduos de agrotóxicos nos alimentos, podemos também estimar que as populações residentes próxima a áreas de cultivo e os moradores urbanos também estão significativamente expostos aos efeitos nocivos destes agentes químicos (MIRANDA *et al.*, 2007).

A crítica ao uso excessivo de agrotóxicos e seu impacto na natureza mobilizou grupos de profissionais das ciências agrárias, que constituíram uma resistência científica e acadêmica no Brasil (SOUSA; MARTINS, 2013). Caporal (2009) menciona que o Brasil é provavelmente

o país com maior número de cursos de agroecologia ou com enfoque agroecológico em funcionamento na atualidade, tanto de nível médio como de nível superior.

Entre os anos de 1999 e 2002, houve inúmeros eventos importantes que promoveram reflexões sobre a construção do conhecimento agroecológico e, em 2002, foi criada a Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), uma espécie de rede de redes, que envolve movimentos sociais, organizações não governamentais e organizações locais de camponeses em todo o Brasil (PADULA *et al.*, 2013).

Concomitantemente a essas iniciativas, tivemos um desenrolar de pensadores junto as universidades que contribuíram significativamente para esse momento trazendo questões tais como a possibilidade de um outro modelo de cultivo junto as propriedades rurais e a necessidade de profissionais que fossem capacitados a atender a essa demanda junto aos territórios. Dessa forma, tivemos as primeiras sementes lançadas do que temos hoje em termos de assistência técnica baseada em técnicas sustentáveis direcionadas para a realidade de cada espaço e o respeito aos sujeitos do campo, em suas especificidades.

Balla *et al.* (2014) apontou que, em 2013, havia 24 cursos de graduação em agroecologia. Gomes (2014) realizou uma pesquisa sobre a cronologia da criação dos cursos superiores em agroecologia e pontuou que o surgimento maior desses cursos se deu após 2008, com a criação e expansão da Rede Federal de Educação, Ciência e Tecnologia e a criação dos Institutos Federais.

Pensar os cursos de agroecologia e sua transformação socioecológica nos territórios, para além de se fazer apenas diagnósticos da realidade agrária, introdução de pacotes “verdes” e reflexões sem ações concretas na realidade, torna-se essencial uma avaliação da trajetória do Curso de Tecnólogo em Agroecologia do IFRN *Campus* Ipanguaçu e a partir desta diagnose repensar novas diretrizes para um novo ciclo.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Este trabalho se propõe a realizar o levantamento de dados referentes às turmas matriculadas entre os anos de 2012 a 2016 do curso superior Tecnologia em Agroecologia, ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – *Campus* Ipanguaçu, enfatizando o percurso da formação discente.

2.2 Objetivos Específicos

Analisar, através desse levantamento junto a SEAC/IP, o percurso dos alunos da instituição matriculados desde o ano de 2012 até 2016;

Mapear as atividades profissionais dos alunos egressos;

Traçar possibilidades de alternativas de inserção de trabalhos direcionados à área de agroecologia para os futuros profissionais, bem como os egressos;

Realizar um comparativo de participação entre os grupos masculino e feminino;

3. REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A importância da formação técnica em agroecologia para a agricultura familiar

A educação formal em Agroecologia é muito recente no Brasil, considerando a longa trajetória dos cursos de Agronomia e das Ciências Agrárias no país, porém já possui territorialização nacional (SOUSA, 2017).

De acordo com Sousa (2015), atualmente, os cursos com apelo na perspectiva agroecológica já totalizam 162, entre todos os níveis de formação oferecidos pelas universidades, Institutos Federais e instituições estaduais de ensino. Do total de cursos em Agroecologia, 122 são de ensino médio profissional, 33 são de graduação e 7 são cursos de pós-graduação. Por outro lado, há um número elevado de cursos das Ciências Agrárias e outras áreas do conhecimento que vêm sofrendo influência, mesmo que parcial, da abordagem agroecológica.

A agroecologia se trata de uma ciência que, por meio dos seus fundamentos básicos, promove um desenvolvimento rural sustentável. É incoerente associar a agroecologia tão somente à uma forma de agricultura, como por exemplo a agricultura orgânica ou qualquer outra que seja isenta de insumos químicos (CAPORAL; COSTABEBER, 2002). No contexto social, a agroecologia tem ideais de igualdade em diferentes aspectos, tanto sociais quanto econômicos. Desse modo, a agroecologia está correlacionada ao modelo de economia solidária, onde esse modelo estimula uma comercialização justa (SILVA, 2019).

Essa mudança metodológica não ocorreu de forma linear entre as organizações e foi o resultado de um longo processo de aprendizagem entre técnicos, pesquisadores e agricultores camponeses. A introdução do agroecossistema como unidade de análise trouxe o desafio de pensar uma assessoria técnica para além da mudança técnica, tendo a necessidade de mobilizar outros conhecimentos nas áreas de ciências sociais que, muitas vezes, os técnicos em Ciências Agrárias não possuíam. A partir desse momento, houve a busca por aprofundamentos no debate sobre a educação e a formação profissional para atuar com a agricultura familiar camponesa (SOUSA, 2017).

Atualmente, os cursos de agroecologia, tanto de nível superior como de nível técnico, possuem um grande desafio educacional: preparar os educandos para atuarem junto aos agricultores na construção de racionalidades ecológicas a partir dos modos de produção camponesas. Sem dúvida, ainda há muito a melhorar. Mas, mesmo com essas fraquezas, os

cursos estão contribuindo para a ampliação do debate agroecológico no Brasil. Por estarem no campo contra hegemônico da agricultura brasileira, os cursos estão enfrentando muitos desafios, obstáculos e ainda cometem erros. Com o tempo e o aprendizado proporcionado pela troca de experiências os cursos de agroecologia estão se fortalecendo e buscando a consolidação e o reconhecimento perante a academia, órgãos reguladores e sociedade em geral (BALLA, MASSUKADO & PIMENTEL, 2014).

ALTIERI e NICHOLLS (2009) afirmam que o resgate de sistemas tradicionais de manejo associado ao emprego de estratégias de manejo de base agroecológica pode representar um caminho viável para o aumento da produtividade, da sustentabilidade e da resiliência da produção agrícola.

Não é só o agronegócio que tem grande participação na economia nacional. A agricultura familiar também participa nesse desenvolvimento econômico, seja na produção de alimentos, na geração de renda para as famílias ou até mesmo possibilitando a permanência do produtor rural no seu local de origem, reduzindo assim o índice de êxodo rural (PADUA; SCHLINDWEIN; GOMES, 2013).

De acordo com o Censo Agropecuário divulgado pelo IBGE em 2017, são 5 milhões de pequenas propriedades rurais em todo o país, representando 77% dos estabelecimentos da produção agrícola. No campo, a agricultura familiar foi responsável por R\$131,7 bilhões (23%) dos R\$572,99 bilhões referentes ao Valor Bruto da Produção (VBP) brasileira naquele ano - a soma de tudo o que gira nas fazendas. Em termos de empregos, são 10 milhões de postos de trabalho, com 67% do total da atividade agropecuária.

A forte desigualdade social, expressa na forma de ocupação humana, na exploração dos seus recursos naturais - seja em áreas tradicionais ou estagnadas de plantios de sequeiro, seja em áreas de modernização intensa de plantios - revelam os contrastes nos acessos à terra e à água das pessoas que ali vivem e trabalham (MUNIZ & PIRES, 2017).

Para isso destacamos ainda Altieri (2012), pontuando que muitos agricultores têm se adaptado às mudanças climáticas, minimizando as perdas por meio do emprego de diversas estratégias, dentre elas: maior utilização de variedades genéticas locais tolerantes à seca, captação de água da chuva que permitam a criação de sistemas de produção diversificados a exemplo dos sistemas agroflorestais. Além desses temos a Tecnologia Social (TS).

A TS vem sendo discutida no Brasil, nesta primeira década do século XXI, por diferentes atores sociais, tais como organizações da sociedade civil, universidades, integrantes do governo, trabalhadores, entre outros, e vem se constituindo uma das respostas possíveis para o

atendimento das demandas sociais. Há entre esses atores uma preocupação com a crescente exclusão social, a precarização e a informalização do trabalho, a violação dos direitos humanos e, também, a crescente compreensão acerca dos limites da atual política de ciência e tecnologia no país (MACIEL; FERNANDES, 2011)

O emprego de tecnologia pela agricultura familiar é também afetado pela disponibilidade de recursos financeiros e pela presença de políticas governamentais de financiamento. A escassez dos recursos financeiros é uma característica comum aos estabelecimentos familiares, e está associada às precárias condições que enfrentam para o desenvolvimento de suas atividades e à baixa produtividade do trabalho resultante (SOUZA *et al.*, 2019).

No Brasil, a organização social familiar em torno da produção agrícola sempre existiu em paralelo aos grandes ciclos agrícolas que caracterizam a história da economia nacional (fumo, cana, café, pecuária, soja). Porém, ao contrário da grande produção para o mercado internacional, a agricultura familiar passou a contar com apoio do Estado somente a partir do Programa Nacional de Política Fundiária, de 1982. Após significativos avanços, desde 2006 vigora a Lei nº 11.326, que caracteriza a Política Nacional de Agricultura Familiar, além de amplos programas nacionais agrupados sob o Ministério do Desenvolvimento Agrário, como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). (SANTOS; CHALUB-MARTINS, 2012)

3.2 Importancia do IFRN *Campus* Ipanguaçu para a região do Vale do Assu

A história do *Campus* Ipanguaçu remonta à antiga Fazenda-Escola Cenecista Professor Arnaldo Arsênio de Azevedo, criada em 1988, pela Campanha Nacional das Escolas da Comunidade – CNEC, em parceria com o DNOCS – Departamento Nacional de Obras contra a Seca. Em março de 1999, após um diagnóstico que constatou a falta de perspectivas de funcionamento da Fazenda-Escola, o Pólo de Desenvolvimento Integrado Açú-Mossoró e a ONG DESENVALE sugeriram a transformação da escola em um Centro de Tecnologias em Agronegócios do Vale do Assu (CETANVALE), que passou a ser gerenciado pelo então Centro Federal de Educação Tecnológica do Rio Grande do Norte (CEFET-RN). Em 2006, o CETANVALE foi contemplado pelo Ministério da Educação (MEC) com a instalação da Unidade de Ensino de Ipanguaçu, integrando a 1ª fase de

expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica. Situada na microrregião do Vale do Açu, cuja principal atividade econômica é a agricultura irrigada, o Campus Ipanguaçu atende a uma população de cerca de 153.711 habitantes, residentes dos municípios assuenses (estimativas do IBGE 2018) (*site* oficial do IFRN).

Fotografia 1: Fachada do IFRN – *Campus* Ipanguaçu.



Fonte: Imagem do autor

O *campus* está localizado no Vale do Açu, que possui uma característica particular direcionada a empreendimento agrícolas, familiares e empresariais, se faz importante a formação acadêmica profissionalizante que atinja essa realidade. O vale do Açu é uma microrregião do Rio Grande do Norte, que está localizada na mesorregião do Alto Oeste potiguar, caracteriza-se pela existência de solos férteis e banhada pela bacia hidrográfica do Rio Piranhas-Açu. Estes fatores contribuíram para que o vale se tornasse alvo de projetos governamentais de modernização da atividade agrícola alavancados pela Revolução verde e suas tecnologias.

Nesse contexto tivemos o surgimento de grandes empresas ligadas ao agronegócio, como a *Del Mont Fresh Produce*, a Itapetinga Agroindustrial e a Fiação Nordeste do Brasil S.A (FINOBRASA), se instalaram no município de Ipanguaçu/RN, em meados da década de 1980, contribuindo para alterações significativas que vinham acontecendo no modo de vida dos agricultores familiares que residiam naquela região, tais como a propagação dos latifúndios e a exclusão desses agricultores do comércio, gerando situações desafiadoras de subsistência para as famílias.

O *Campus* Ipanguaçu completou, em 2022, 16 anos de existência e possui cerca de 1200 alunos matriculados em três turnos; 62 docentes, 42 servidores e 37 terceirizados. Dispõe de três cursos técnicos integrados distintos: Agroecologia (regular e Educação de Jovens e Adultos – EJA), Informática (regular e subsequente em Manutenção e Suporte em Informática) e Meio Ambiente (regular e subsequente), além de três cursos em graduação: Licenciatura em Química, Licenciatura em Informática e Tecnólogo em Agroecologia. Conta ainda com uma fazenda escola. O curso de Tecnólogo em Agroecologia recebe anualmente entre 30 e 40 matrículas. Essa é uma implementação ainda recente, teve início em 2012 com uma entrada de 30 alunos anualmente.

A agroecologia não diz respeito apenas a uma proposição técnica a ser adotada pelos agricultores familiares, trata-se, também de uma proposição política, uma vez que transcende aspectos operacionais e afeta e questiona a atual lógica produtiva e hegemonia de poder do meio rural. Deve ser entendida de uma forma ampla, onde os agricultores, baseando-se em suas experiências, seus conhecimentos locais sobre as culturas, os recursos naturais locais e a sua matriz comunitária, aliados às preocupações ambientais e os conhecimentos científicos orientem sua ação política e suas práticas produtivas de forma mais autônoma e sustentável (SEVILLA GÚZMAN, 2002).

De acordo com catálogo nacional de cursos de tecnologia (CNCT) os seguintes Locais e ambientes de trabalho para o Tecnólogo em Agroecologia: Cooperativas e associações; Empresas de certificação; Empresas de planejamento, desenvolvimento de projetos, assessoramento técnico e consultoria; Empresas, propriedades rurais e empreendimentos de agricultura familiar; Organizações não-governamentais; Órgãos públicos; Institutos e Centros de Pesquisa; Instituições de ensino, mediante formação requerida pela legislação vigente.

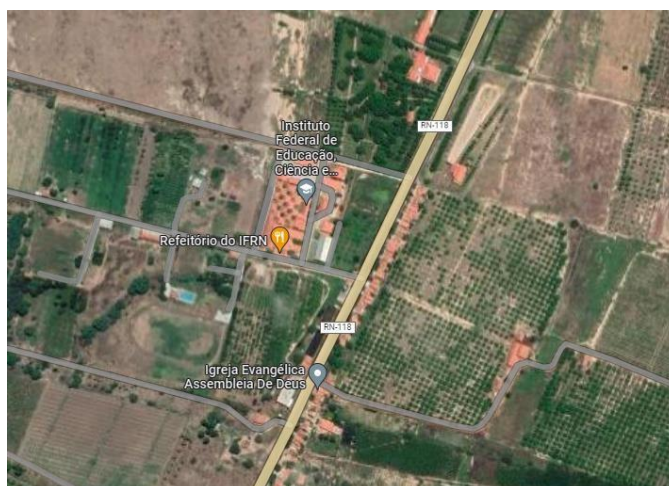
O mercado dessa profissão é bastante amplo podendo atuar nas áreas de avaliação de solos, comercialização de produtos, certificação de produtos orgânicos, na produção agrícola (planejando e coordenando projetos) e em serviços de consultoria. Além disso, com o mercado em alta com a procura de produtos orgânicos em todo o território nacional. A média salarial está entre 2401,69 (pequenas empresas) e 4058,86 (grandes empresas, sendo o cargo de chefias chegando até 6.000,00 mensais).

4. METODOLOGIA

O trabalho foi baseado em levantamento de dados junto a SEAC/IP (Secretaria acadêmica do *Campus* Ipangaçu) e entrevistas aos egressos. Foram entrevistadas 26 egressos(as), sendo 10 do sexo masculino e 16 do sexo feminino, tendo início por aqueles(as) que ingressaram nas turmas dos anos de 2012 a 2016. A entrevista ocorreu por meio de um questionário (Apêndice A) que foi aplicado mediante a ferramenta *Google Forms*. O questionário foi elaborado no dia 27/06/2021, sendo aplicado entre 28/06/2021 e 06/01/2022. O estudo foi produzido a partir da abordagem qualitativa, utilizando-se da análise documental e observação participante.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte – IFRN possui 22 *campi* no estado do Rio Grande do Norte e, de acordo com sua localização territorial, abraça temáticas diferenciadas de ensino, pesquisa e extensão. O *campus* Ipangaçu localiza-se às margens da RN-118, no município de Ipangaçu/RN sob coordenadas 5°32'11.7"S 36°52'13.2"W. O município tem 15626 habitantes segundo o censo do IBGE em 2020 sendo o 35º município mais populoso do RN.

Figura 1: Mapa da localização do *Campus* Ipangaçu.



Fonte: Googles Mapas.

KAUARK (2010) fundamenta que a pesquisa quantitativa traz informações e opiniões que podem ser convertidas em dados numéricos facilitando a classificação e análises. GIL (2007), considera a pesquisa descritiva para a padronização de dados coletados e busca a identificação de relações entre eles. A pesquisa exploratória tenta explicar a realidade dos dados encontrados.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados serão apresentados em duas sessões diferenciadas: iniciaremos com os dados fornecidos pela SEAC (Secretaria Acadêmica) do IFRN *Campus* Ipanguaçu/RN e em seguida faremos a parte da entrevista com os egressos.

5.1 DADOS FORNECIDOS PELA SEAC/IP – IFRN/IP

Tabela 1. Apresentação do número de matrículas realizadas, estudantes formados(as), evadidos(as), jubilados(as) e ativos(as) categorizado pelo sexo entre os anos de 2012 a 2016.

	Condição	Total	Masculino	Feminino
2012	Matrículas	40	15	25
	Formados(as)	20	4	16
	Evadidos(as)	20	11	9
2013	Condição	Total	Masculino	Feminino
	Matrículas	40	14	26
	Formados(as)	18	8	10
	Evadidos(as)	21	5	16
2014	Jubilados(as)	1	1	0
	Condição	Total	Masculino	Feminino
	Matrículas	41	12	29
	Formados(as)	6	1	5
2015	Evadidos(as)	28	8	20
	Ativos(as)	7	3	4
2016	Condição	Total	Masculino	Feminino
	Matrículas	40	9	31
	Formados(as)	6	2	4
	Evadidos(as)	27	5	22
2016	Ativos(as)	7	2	5
	Condição	Total	Masculino	Feminino
2016	Matrículas	32	16	16

Formados(as)	2	2	0
Evadidos(as)	17	8	9
Ativos(as)	13	6	7

Ativo: possui pendência que impede a conclusão do curso.

Evadido: não possui qualquer vínculo com a instituição.

Formado: concluiu todas as etapas do curso.

Jubilado: excedeu o tempo limite para a conclusão do curso.

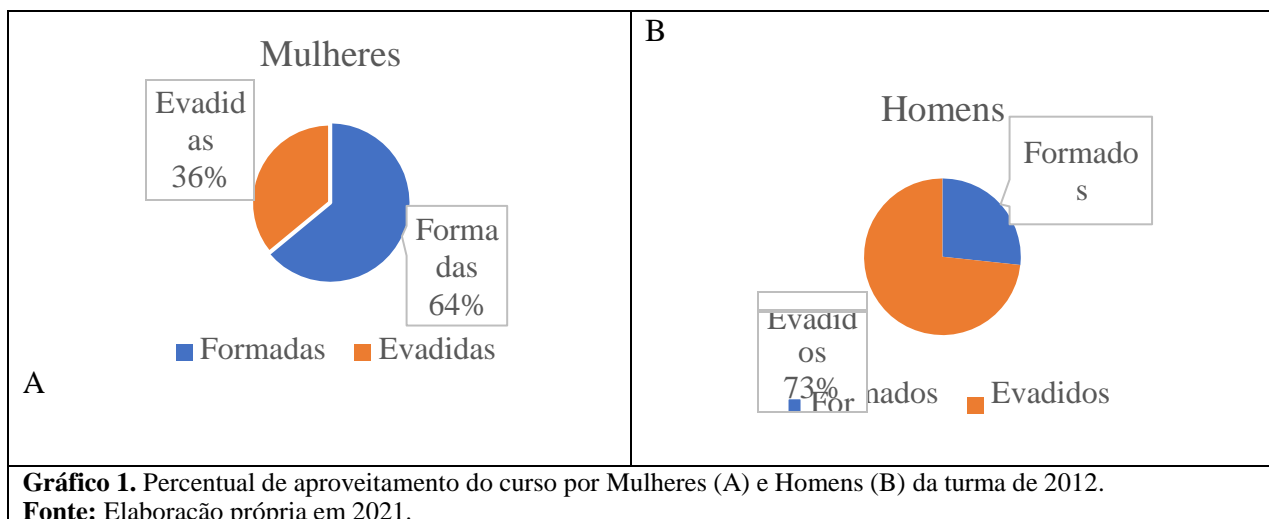
Fonte: Elaboração própria em 2021.

5.1.1 Turma de 2012

Conforme a Tabela 1., no ano de 2012, foram matriculados(as) 40 alunos(as), sendo 15 do sexo masculino e 25 do sexo feminino. Concluíram todas as etapas do curso 16 alunas e 4 alunos, totalizando 20 formados nesta turma. Foram evadidos 11 alunos e 9 alunas, totalizando 20 não concluintes. Neste ano, o número de matrícula de alunas foi superior ao número de matrículas de alunos.

No **gráfico 1** (figura A) o aproveitamento do curso pelas mulheres da turma é acima da média, totalizando 64%, enquanto a taxa de evasão é de 36%. Ainda no **gráfico 1**(figura B), é possível observar que 27% dos alunos matriculados conseguiram concluir o curso. A taxa de evasão, nesse caso 73%, sendo considerada acima da média. A porcentagem de conclusão total do curso por parte das mulheres foi superior quando se comparado aos homens no ano de 2012, bem como a porcentagem de evasão de alunas foi inferior ao dos alunos.

Nesse cenário, verificou-se uma tendência de redução do emprego estritamente agrícola no meio rural brasileiro no final do século XX, uma vez que, em razão das características anteriormente mencionadas, a agricultura não absorve mais todo contingente populacional demandante de emprego. Com isso, é de esperar a continuidade de deslocamentos das pessoas para o meio urbano e para as áreas metropolitanas, embora em quantidades inferiores àquelas verificadas até recentemente. Em geral, essas pessoas estão indo em busca de novas oportunidades de trabalho e de vida, o que implica a continuidade de pressões adicionais sobre o mercado de trabalho urbano advindas dos impasses do trabalho rural (Rezende *et al.*, 1997).



Formado: concluiu todas as etapas do curso.

Evadido: não possui qualquer vínculo com a instituição.

5.1.2 Turma de 2013

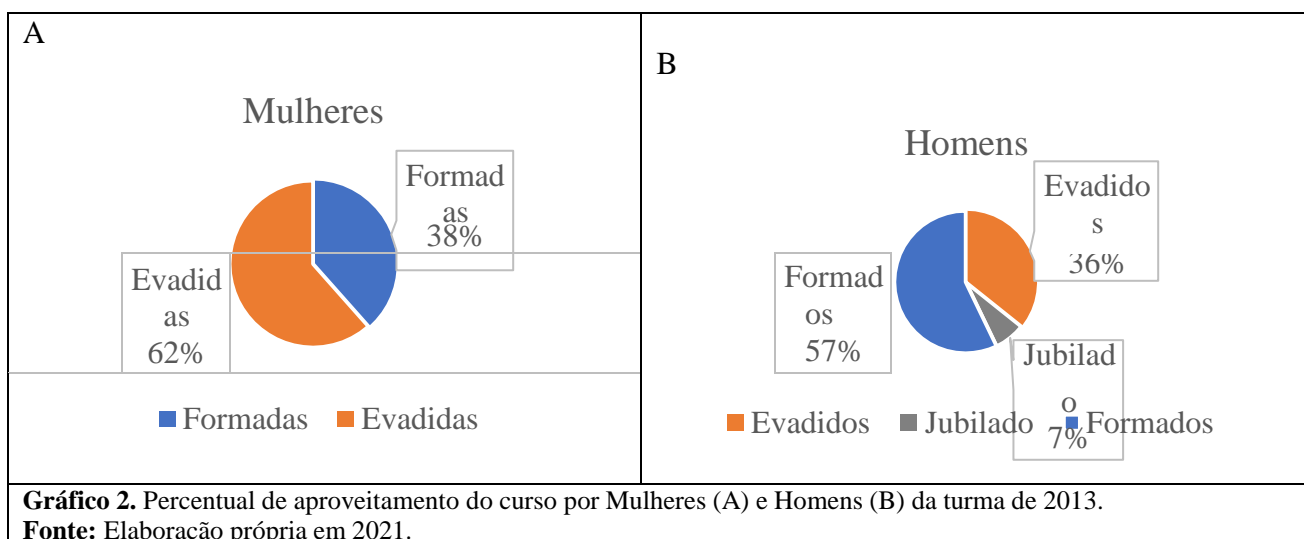
Conforme a Tabela 1., em 2013, foram matriculados(as) 40 alunos(as), sendo 14 do sexo masculino e 26 do sexo feminino. Conseguiram se formar 18 alunos(as), sendo 8 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Foram evadidos 5 alunos, 16 alunas e um aluno foi jubilado, totalizando, assim, 23 não concluintes. Observamos essa tendência de permanência do número de mulheres em relação ao de homens na conclusão dessa turma, semelhante a turma anterior.

No **gráfico 2** (figura A), é possível observar que 62% das alunas matriculadas não conseguiram concluir o curso. A taxa de formadas foi de 38%. Ainda no **gráfico 2** (figura B), é observado que 57% dos alunos matriculados conseguiram concluir o curso. A taxa de evasão foi de 36%. Nesse caso, diferente dos demais, 7% dos alunos foram jubilados.

As mulheres trabalharem mais e receberem menos que os homens, principalmente em casos de possuir uma ou mais crianças, pode ser um fator crucial na tomada de decisão em evadir do âmbito escolar. A desmotivação pode ocorrer tanto pela ocorrência do seu tempo ser dividido entre as tarefas domésticas e o estudo, quanto pela falta de reconhecimento profissional simplesmente devido ao seu gênero.

Segundo o IBGE (2021), em 2019, o nível de ocupação das mulheres de 25 a 49 anos vivendo com crianças de até 3 anos de idade foi de 54,6% e o dos homens foi de 89,2%. Em lares sem crianças nesse grupo etário, o nível de ocupação foi de 67,2% para as mulheres e 83,4% para os homens. As mulheres pretas ou pardas com crianças de até 3 anos de idade no domicílio

apresentaram os menores níveis de ocupação: 49,7% em 2019. Em relação a cuidados de pessoas ou afazeres domésticos, as mulheres dedicaram quase o dobro de tempo que os homens: 21,4 horas contra 11 horas semanais. A proporção em trabalho parcial (até 30 horas semanais) também é maior: 29,6% entre as mulheres e 15,6% entre os homens.



Formado: concluiu todas as etapas do curso.
 Evadido: não possui qualquer vínculo com a instituição.
 Jubilado: excedeu o tempo limite para a conclusão do curso

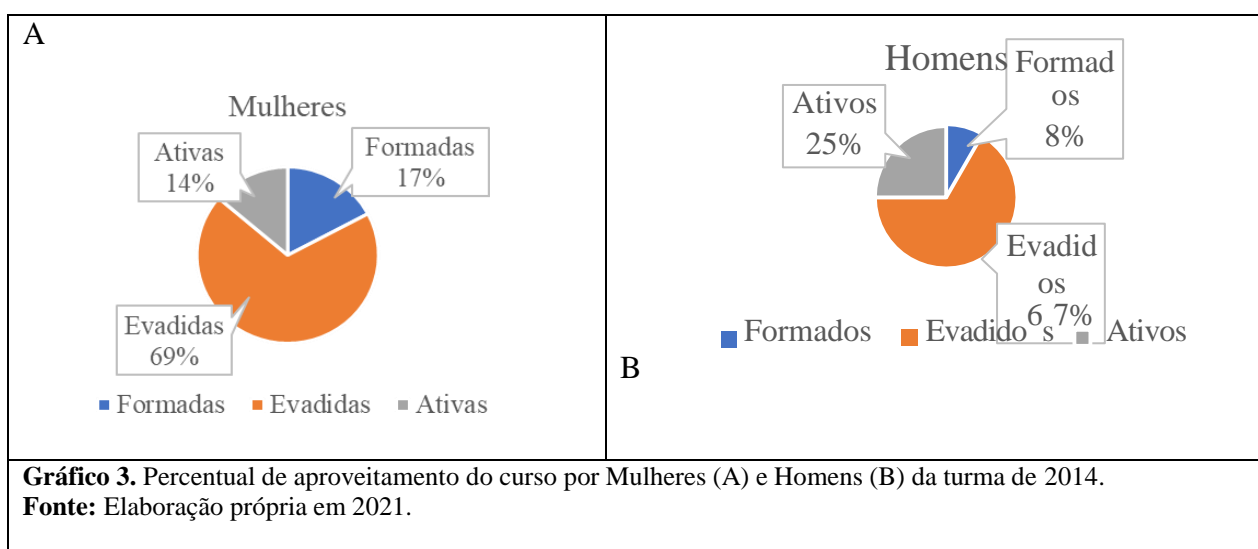
5.1.3 Turma de 2014

De acordo com a Tabela 1., em 2014, foram matriculados 41 estudantes, sendo 12 do sexo masculino e 29 do sexo feminino. 5 mulheres e 1 homem conseguiram se formar, totalizando 6 formados na turma. 28 estudantes foram evadidos, sendo 20 mulheres e 8 homens. 7 estudantes ainda permanecem com matrícula ativa, de forma que 3 são do sexo masculino e 4 do sexo feminino.

No **gráfico 3** (figura A), é possível observar que 17% das alunas matriculadas conseguiram concluir o curso. A taxa de evasão foi de 69%. Até o momento, 14% das alunas ainda estão com matrícula ativa. Ainda no **gráfico 3** (figura B), é possível observar que 8% dos alunos matriculados conseguiram concluir o curso. A taxa de evasão foi de 67%. Até o momento, 25% dos alunos ainda estão com matrícula ativa.

Moraes (2005) sugere que há vários fatores para acarretar na evasão: trabalho, doença grave ou morte, transferência de domicílio, etc. Em situações onde se tem que dividir o tempo

entre a faculdade e o trabalho, o cansaço impulsiona o aluno, muitas vezes, a abdicar de uma destas tarefas, e a tendência é optar pela que gere o dinheiro responsável pela sua sobrevivência. Outro fator a ser considerado e que pode contribuir para a evasão é o processo educacional. O aluno está acostumado a um processo bem diferente do adotado na universidade. O aprendizado adquirido anteriormente consiste, basicamente, em memorização, o que não contribui para a formação de um espírito investigador. Na universidade, o aluno tem que pesquisar para criar seus próprios textos em vez de copiá-los. Assim, o aluno sofre um impacto na forma como as disciplinas são ministradas, podendo perder o interesse pelo curso.



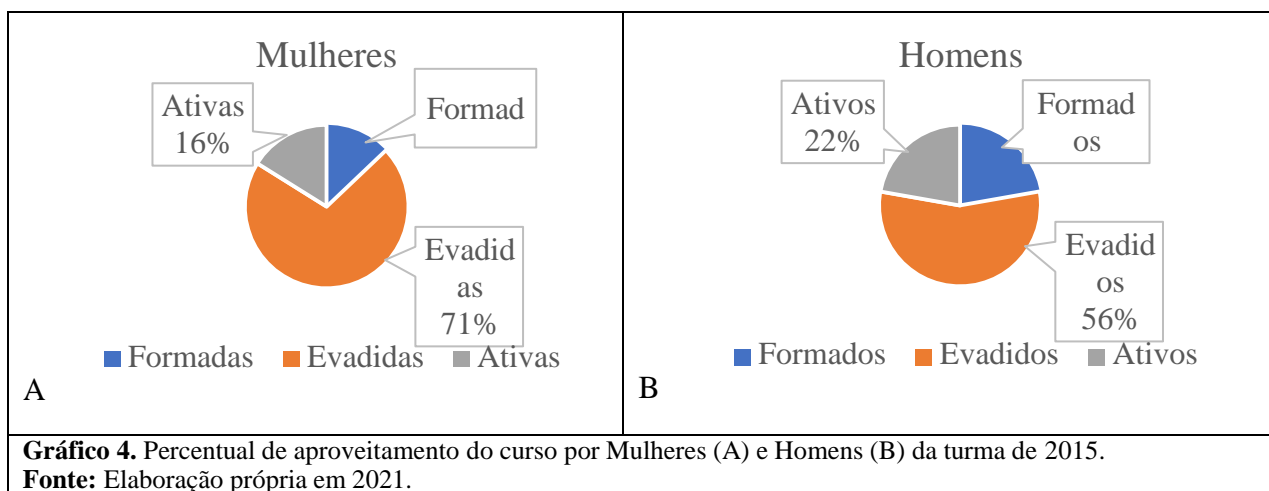
5.1.4 Turma de 2015

Conforme a Tabela 1., em 2015, 40 estudantes foram matriculados, 9 do sexo masculino e 31 do sexo feminino. Formaram-se 6, sendo 2 homens e 4 mulheres. 27 estudantes foram evadidos, sendo 5 do sexo masculino e 22 do sexo feminino. 7 estudantes ainda possuem vínculo institucional e estão com matrícula ativa, sendo 2 do sexo masculino e 5 do sexo feminino.

Segundo o MEC (2010), o diploma dos cursos de graduação na modalidade tecnológica é tão válido quanto de modalidade bacharelado e licenciatura para os egressos que despertem o interesse em cursar alguma especialização, mestrado, doutorado ou participar de concursos

públicos. Os cursos na modalidade tecnológica se tornam extremamente viáveis devido o curto período de duração, quando se comparado às demais. No entanto, mesmo possuindo total aprovação e reconhecimento pelo MEC, o egresso tecnólogo estará restrito de participar de concursos onde o certame preveja no edital a obrigatoriedade de uma graduação de nível bacharelado e/ou licenciatura com duração mínima de quatro anos, o que ainda assim pode ser um fator que contribua para a evasão de alunos matriculados.

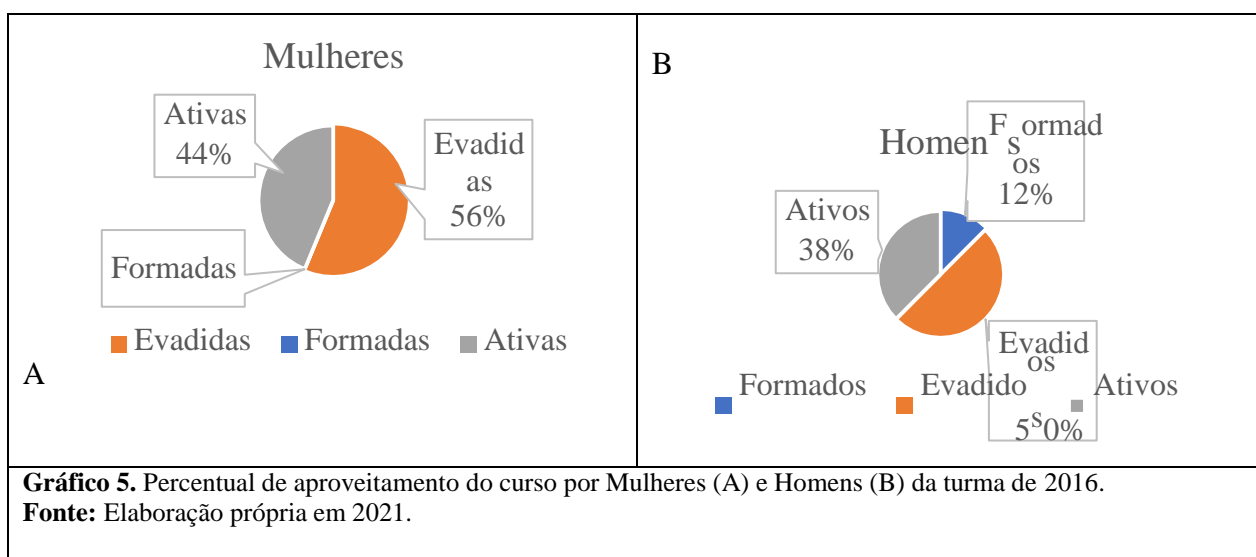
No **gráfico 4** (figura A), é possível observar que 13% das alunas matriculadas conseguiram concluir o curso. A taxa de evasão foi de 71%. Até o momento, 16% das alunas ainda estão com matrícula ativa. Ainda no **gráfico 4** (figura B), é possível observar que 22% dos alunos matriculados conseguiram concluir o curso. A taxa de evasão foi de 56%. Até o momento, 22% dos alunos ainda estão com matrícula ativa.



5.1.5 Turma de 2016

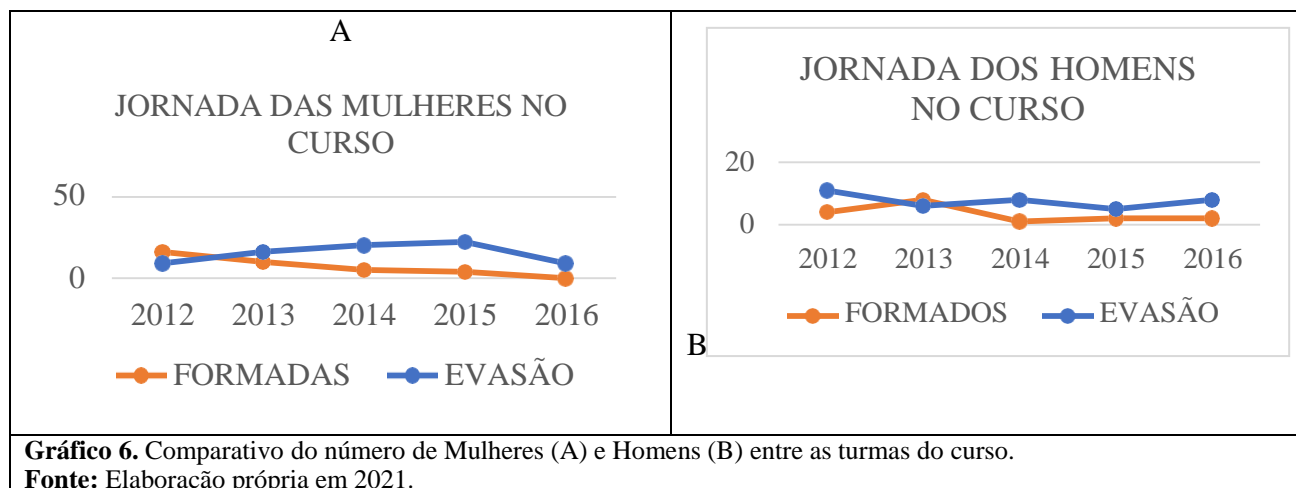
De acordo com a Tabela 1., em 2016, houve um total de 32 estudantes matriculados, sendo 16 do sexo masculino e 16 do sexo feminino. Até o momento, 2 alunos do sexo masculino já conseguiram se formar. 17 estudantes foram evadidos, sendo 8 do sexo masculino e 9 do sexo feminino. 13 alunos ainda estão vinculados à instituição, sendo 6 do sexo masculino e 7 do sexo feminino. Considerando o período de pandemia, iniciado em 2020, e respeitando todas as medidas restritivas, a turma do ano de 2016, bem como as posteriores, teve seu cronograma de colação de grau prorrogado por período indeterminado. Com base nisso, pontuamos que o baixo número de formados para esse ano, em relação aos anos anteriores pode ser justificado a esses fatores.

No **gráfico 5** (figura A), é possível observar que até o momento nenhuma das alunas matriculadas conseguiu concluir o curso. A taxa de evasão foi de 56%. Até o momento, 44% das alunas ainda estão com matrícula ativa. Ainda no **gráfico 5** (figura B), é possível observar que 12% dos alunos matriculados conseguiram concluir o curso. A taxa de evasão foi de 50%. Até o momento, 38% dos alunos ainda estão com matrícula ativa.



5.1.6 Jornada de entrada e saída dos alunos(as) no decorrer do curso

De acordo com o **gráfico 6** (figura A), nas turmas iniciadas entre os anos de 2012 e 2016 existe uma tendência gradativa de alta, no entanto com declínio ao final, no índice de evasão em relação as mulheres. Já no índice de formadas, é possível observar uma tendência de declínio de forma gradativa. Ainda no **gráfico 6** (figura B), nas turmas iniciadas entre os anos de 2012 e 2016 existe uma tendência com variação equilibrada no índice de evasão. No índice de formados, existe uma ascensão de 2012 a 2013. No entanto, o número de formados cai de forma acentuada em 2014. Entre 2015 e 2016, a tendência segue com pouca variação.



Os Institutos Federais, assim como as Universidades Federais no Brasil, utilizam um sistema de cotas (15% das vagas) para estudantes oriundos de escolas públicas e com renda comprovada inferior a 1,5 salário-mínimo brasileiro, e cotas (10% das vagas) por etnia-raça para negros, índios e quilombolas (afrodescendentes no Brasil). A procura pelos cursos dos IFs é grande, porque são cursos gratuitos e considerados de boa qualidade; ainda, em muitos casos, são as únicas oportunidades de formação gratuita de nível médio e/ou superior em suas regiões.

Cruz (2006) propôs existir uma predominância de busca, por parte do público masculino, pela formação profissional técnica agrícola como parte de realização pessoal. Já com relação ao público feminino, ele afirmou haver uma maior limitação com relação as possibilidades de inserção nesta área de profissão, haja vista que grande parte das mulheres estão exercendo os papéis tradicionais de gênero, sendo mais ajudante e menos protagonista nas atividades agrícolas.

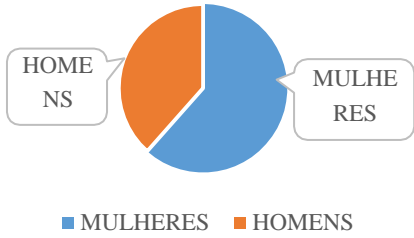
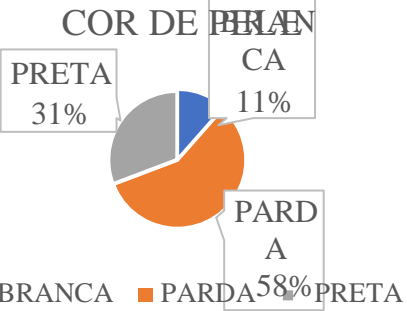
Em contraste com os dados obtidos nessa pesquisa, é notória a mudança nesse cenário nos últimos anos, haja vista que atualmente no IFRN – *Campus* Ipanguaçu as mulheres são expressivamente mais participativas do que os homens. Tal fato pode ser o reflexo, na prática, dos ideais de igualdade social com base nos princípios sustentáveis da agroecologia, onde por meio de movimentos sociais, dentre outras práticas, permitem lugar de fala à minoria, fazendo com que consigam conquistar o seu espaço.

Uma possível explicação para essas tendências observadas nos gráficos 11 e 12 seria o fato de que, ao passar dos anos, as turmas mais recentes possuem mais alunos(as) com matrícula ativa, seja por pendência em disciplinas obrigatórias/optativas ou por pendência do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, impossibilitando assim o recebimento do diploma.

5.2 RESULTADOS OBTIDOS A PARTIR DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO JUNTO AOS EGRESSOS

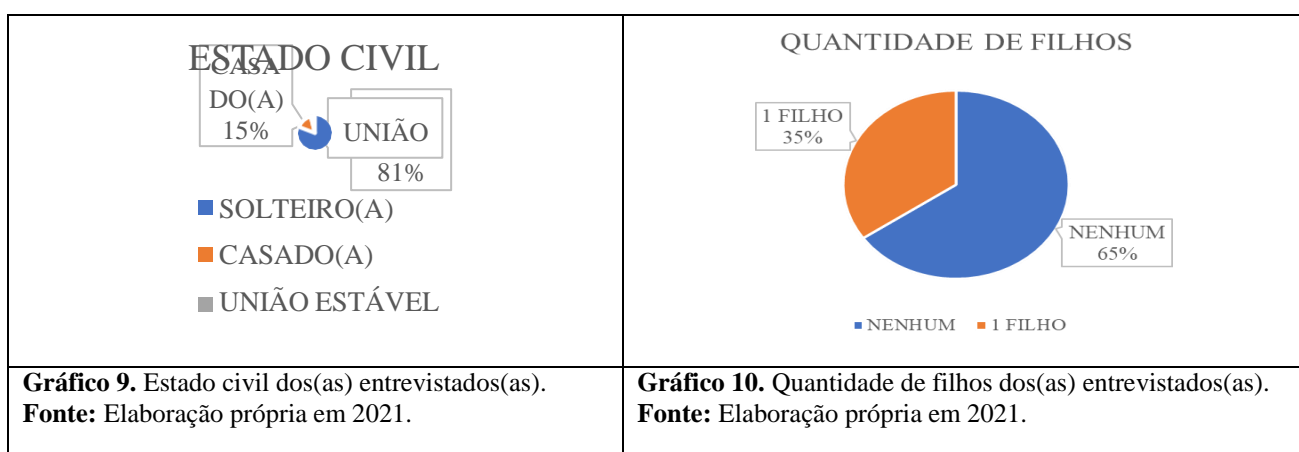
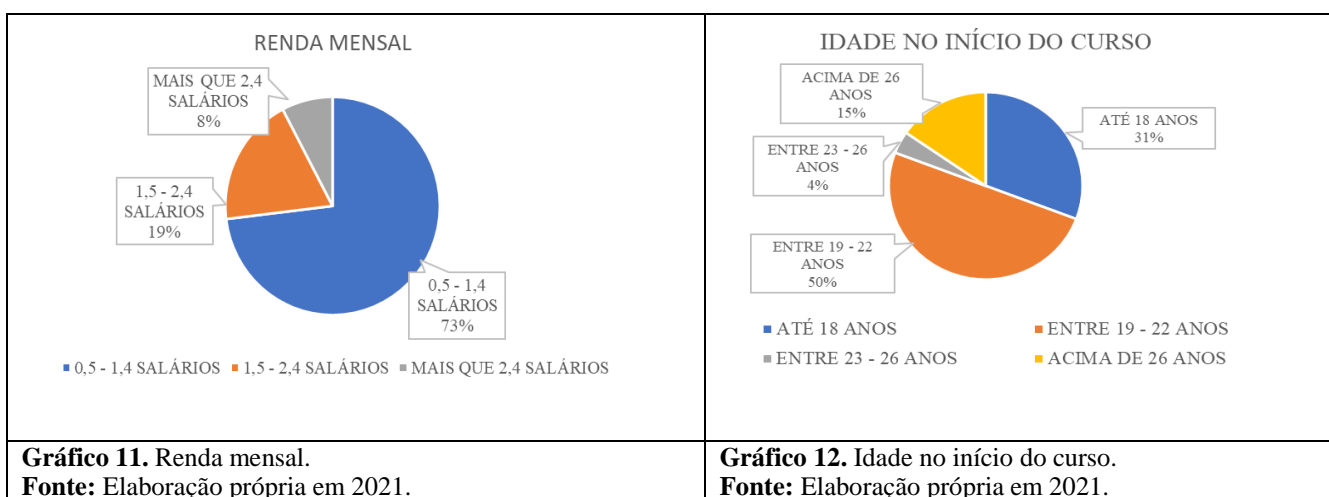
Como pode ser observado no Apêndice A, na primeira questão do formulário o(a) entrevistado(a) deveria preencher seu nome, no entanto, tão somente para controle do pesquisador. Desta forma, serão expostas apenas as informações necessárias para cumprimento da pesquisa, não comprometendo nenhum dos(as) entrevistados(as).

De acordo com o **Gráfico 7**, é possível observar que dentre as pessoas que participaram da pesquisa, 38% são referentes a homens e 62% correspondem as mulheres. No **Gráfico 8**, é mostrado que 31% dos(as) entrevistados(as) possuem cor de pele preta, enquanto 11% possuem cor de pele branca e 58%, a maioria, possui cor de pele parda.

<p style="text-align: center;">GÊNERO SEXUAL</p> 	<p style="text-align: center;">COR DE PELE</p> 
<p>Gráfico 7. Gênero sexual dos(as) entrevistados(as). Fonte: Elaboração própria em 2021</p>	<p>Gráfico 8. Cor de pele dos(as) entrevistados(as). Fonte: Elaboração própria em 2021</p>

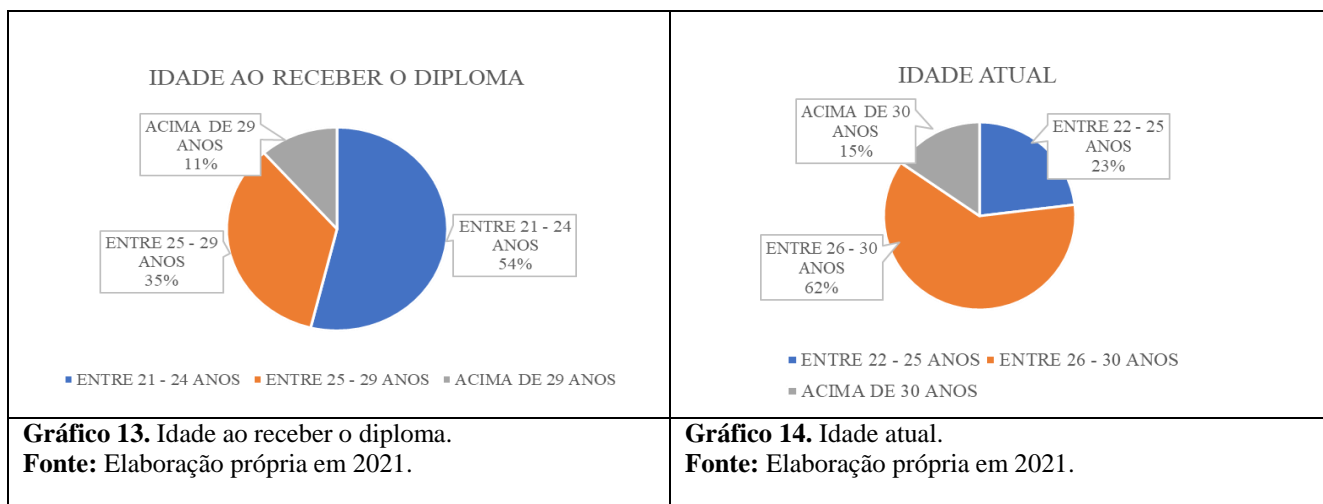
Conforme o **Gráfico 9**, dos(as) entrevistados(as), 81% são atualmente solteiros(as), 15% são casados(as) e 4% estão em união estável. No **Gráfico 10**, é possível observar que 65% dos(as) respondentes não possuem filho, enquanto 35% possuem apenas um.

No **Gráfico 11**, é visto que 73%, a grande maioria, possui renda mensal entre 0,5 e 1,4 salário comercial. Em seguida, 19% equivalem àqueles(as) que possuem renda mensal entre 1,5 e 2,4 salários comercial. Por fim, 8% representam os/as que possuem renda mensal superior a 2,4 salários comercial. O **Gráfico 12** mostra que 50% dos/das respondentes, sendo a grande maioria, ingressou no curso entre 19 e 22 anos de idade. Em seguida, 31% equivalem àqueles(as) que ingressaram no curso com até 18 anos de idade. 15% representam o grupo que ingressou no curso acima de 26 anos de idade e 04% representam o grupo que ingressou no curso entre 23 e 26 anos de idade.

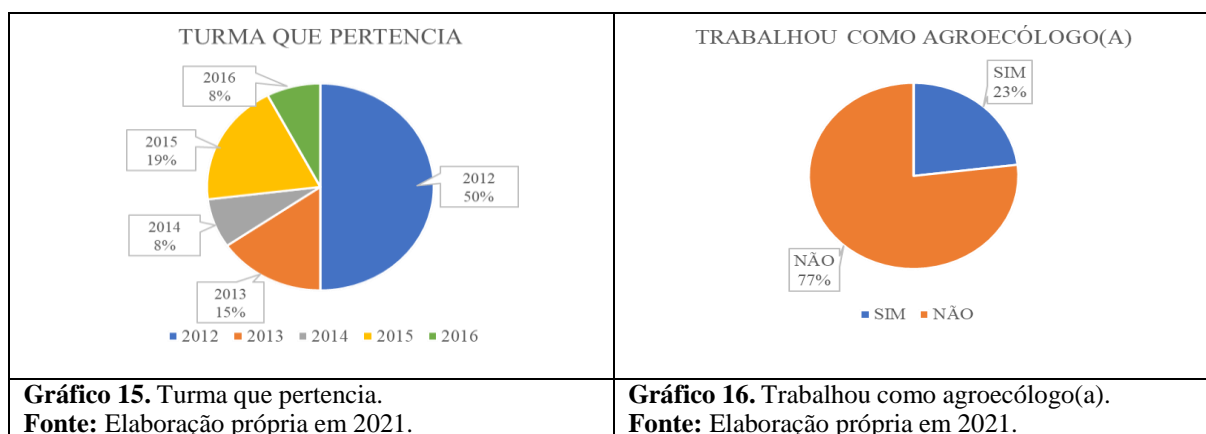


Conforme o **Gráfico 13**, 54% receberam o diploma entre 21 e 24 anos de idade, representando assim a maioria. 35% afirmaram receber o diploma entre os 25 e 29 anos de idade, enquanto 11% relataram receber o diploma somente após os 29 anos de idade. No

Gráfico 14 é possível compreender que 62% possuem atualmente entre 26 e 30 anos de idade, 23% possuem entre 22 e 25 anos de idade e 15% possuem acima de 30 anos de idade.

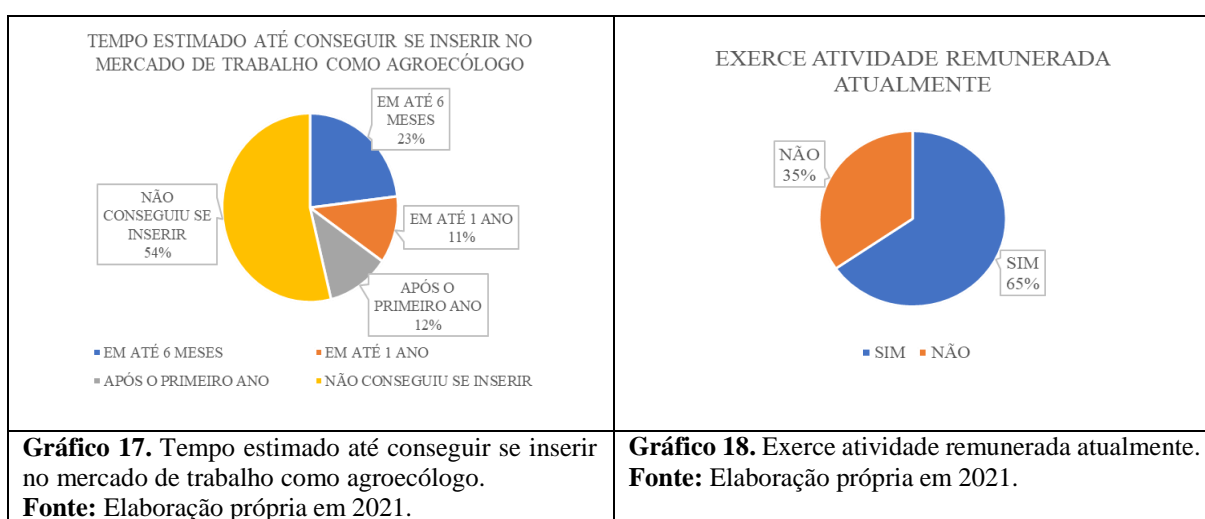


De acordo com o **Gráfico 15**, 50% dos/das respondentes pertenciam à turma de 2012, enquanto 15% ingressaram no ano de 2013, 8% no ano de 2014, 19% em 2015 e 8% em 2016. No **Gráfico 16**, é percebido que apenas 23% afirmaram ter trabalhado em algum momento como agroecólogo, enquanto 77% afirmam nunca ter trabalhado como agroecólogo.



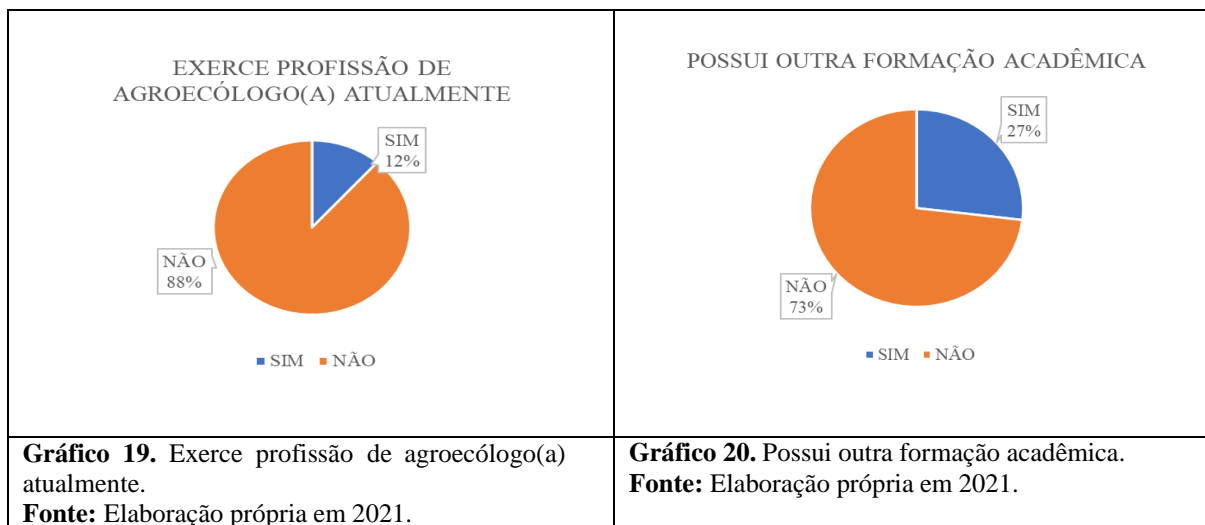
No **Gráfico 17** é destacado que 54%, grande maioria, afirmaram ainda não ter conseguido se inserir no mercado de trabalho com a formação de agroecólogo, enquanto 23% relataram conseguir tal realização no primeiro semestre após a obtenção do diploma, 11% em até 1 ano após obter o diploma e 12% após o primeiro ano. Perceptivelmente, mais da metade dos egressos entrevistados relataram não conseguir se inserir no mercado como agroecólogo(a).

Posteriormente, a segunda maior parte relatou conseguir tal feito no período de até seis meses. Como não houve abordagem direta no questionário referente à causa legítima, na visão dos egressos(as), contribuinte para que fosse possível a atuação com essa formação em específico, não é possível afirmar com exatidão o fator crucial para conseguir tal feito, embora se acredite que uma das causas contribuintes para a não atuação seja a falta de networking, o que não é algo propriamente intrínseco desta área. No **Gráfico 18** é destacado que 65%, a grande maioria, exerce alguma atividade remunerada no presente momento, enquanto 35% afirmaram não exercer atividade remunerada atualmente.



No **Gráfico 19**, é possível observar que 12% afirmaram exercer atualmente alguma atividade remunerada com a formação de agroecólogo, enquanto 88% afirmaram não exercer no momento a profissão. No **Gráfico 20**, é visto que 73% afirmaram não possuir outra formação que não seja tecnólogo em agroecologia, enquanto 27% relataram ter outra formação concluída ou em andamento.

Os números apresentados nesta pesquisa mostram que o grupo feminino é mais



participativo no curso Tecnologia em Agroecologia. Os índices de matrículas, evasão e de conclusão do curso são superiores quando se comparado aos índices do grupo masculino. Conforme a literatura, as mulheres se dedicam quase o dobro do tempo quando se comparadas aos homens com relação às atividades domésticas. Mesmo assim, o presente estudo relata maior participação das mulheres no curso Tecnologia em Agroecologia, afirmando que, apesar de todos os fatores de cunho desmotivador, entre os anos de 2012 e 2016, a busca pela formação em Agroecologia foi predominantemente por parte do grupo feminino.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Àqueles(as) que não conseguiram se inserir ainda no mercado de trabalho como agroecólogo(a), bem como àqueles(as) que não exercem alguma atividade remunerada no presente momento, seria uma possibilidade unir forças com pessoas de interesse comum e formar uma cooperativa, de crédito rural por exemplo, para subsidiar sua produção. Nesse caso, seria realizado um levantamento regional analisando as principais necessidades da comunidade onde seria sediada a cooperativa. A partir disso, se criaria um planejamento objetivando suprir tais necessidades, pondo em prática tanto o conhecimento teórico adquirido quanto a vivência experimentada no decorrer da sua formação. Isso possibilitaria não só uma rentabilidade financeira, mas também um desenvolvimento rural sustentável dessa região.

Referente à instituição, se manter sempre informado com relação às oportunidades que o próprio *Campus* oferece também deve ser considerado pelos egressos que além de não exercerem nenhuma atividade remunerada também não conseguiram exercer a sua formação. No dia 09 de julho de 2021, por meio da Direção Geral do IFRN/IP, foi publicado o edital que rege o processo seletivo com vagas para bolsistas destinadas a estudantes e/ou profissionais dos cursos Técnico de Nível Médio ou Superior em Agroecologia, ciências agrárias e afins, pelo Programa de Residência Profissional Agrícola (PRPA). Atingindo a população de agricultores(as) familiares do território Açu-Mossoró, assessorando de forma técnica e gerencial com enfoque agroecológico, o PRPA vem promovendo a evolução profissional dos/das alunos(as) e possibilitando a inserção de egressos com formação qualificada no mercado de trabalho. Isso revela a preocupação da instituição para com a formação de qualidade, bem como o incentivo da atuação profissional de seus discentes e egressos.

Durante todo o período de aplicação do questionário, houveram diversas tentativas de contatar o máximo possível dos egressos. Tendo em vista que nas turmas iniciadas nos anos de 2012 e 2013 houve maior número de alunos(as) formados(as), isso implica, conseqüentemente, em maior participação dos egressos destas turmas. Tal fato justifica o motivo de 50% dos respondentes serem da turma de 2012 e os outros 50% estarem distribuídos entre as demais turmas.

É importante que se diga que o fenômeno “evasão” é único em todo o país, em todas as instâncias, mas suas causas nem sempre. A diversidade também se faz aí presente. A exemplo, embora “trabalho” monopolize os números, cada região merece atenção especial, por meio de

olhar atento, pois o este tema apresenta faces diferentes em cada contexto, exigindo medidas diferentes, portanto.

REFERÊNCIAS

- ALTIERI, M; NICHOLLS, C. I. “Mudanças climáticas e agricultura camponesa: impactos e respostas adaptativas.” **Revista agriculturas**, v. 6, n. 1, abr. 2009.
- ALTIERI, M. “Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável.” 3. ed., rev. ampl., São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão popular, AS PTA, 2012
- BALLA, J. V. Q; MASSUKADO, L. M; PIMENTEL, V. C. “Panorama dos cursos de agroecologia no Brasil.” **Revista Brasileira de Agroecologia**, 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. “**Educação profissional e tecnológica: diploma dos tecnólogos vale para concurso e pós-graduação.**” 27 de julho de 2010. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/209-564834057/15698-diploma-dos-tecnologos-vale-para-concurso-e-pos-graduacao>> Acesso em: 18 de agosto de 2022.
- CAPORAL, F. R. “**Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis.**” 1.ed. Brasília: MDA/SAF, 2009. v.1. 30 p.
- CAPORAL, F. R; COSTABEBER, J. A. “Agroecologia: enfoque científico e estratégico.” **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 4, jun. 2002.
- CRUZ, F. “**Género, psicología y desarrollo rural: la construcción de nuevas identidades para las mujeres en el medio rural (Serie Estudios).**” Madrid, Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación, 2006.
- GOMES, T. O. “**Formação superior em agroecologia e educação no campo: práticas sociais que transbordam áreas de conhecimento.**” Dissertação (mestrado). Programa de Pós-Graduação em Agroecologia. Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, Minas Gerais, 2014.
- GIL, A. C. “**Como elaborar projetos de pesquisa.**” São Paulo: Atlas, 2007.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. “**Estatísticas de gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil**”. Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

KAUARK, F. S; MANHÃES, F. C; MEDEIROS, C. H. “**Metodologia da pesquisa: um guia prático.**” Bahia: Via Litterarum, 2010.

KUGLER, H. “**Paraíso dos Agrotóxicos.**” *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, n. 296, v. 50, p. 20-25, 2012.

MACIEL, A. L. S; FERNANDES, R. M. C. “Tecnologias sociais: interface com as políticas públicas e o Serviço Social.” *Serv. Soc. Soc.* (105), Mar, 2011.

MIRANDA, A. C; MOREIRA, J. C; CARVALHO, R; PERES, F. “Neoliberalismo, Uso de Agrotóxicos e a Crise da Soberania Alimentar no Brasil.” *Revista Ciência e Saúde Coletiva*, Manguinhos/RJ, Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, v. 12, n. 1, p. 7-14, jan./mar. 2007.

MORAES, J. Oliveira. “**Evasão no ensino superior: estudo dos fatores causadores da evasão no curso de ciências contábeis da UNIMONTES.**” Trabalho de Conclusão de Curso 94 (Especialização) – Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2005.
Disponível em <<http://www.congressosp.fipecafi.org/>> Acesso em 22 de agosto de 2021.

PADULA, J. et al. Os caminhos da agroecologia no Brasil. In: GOMES, J.C.C.; ASSIS, W.S. (Orgs.). *Agroecologia: princípios e reflexões conceituais*. Brasília: Embrapa, 2013. p. 37-73.

PADUA, J. B.; SCHLINDWEIN, M. M.; GOMES, E. P. Agricultura familiar e produção orgânica: uma análise comparativa considerando os dados dos censos de 1996 e 2006, *INTERAÇÕES*, Campo Grande, v. 14, n. 2, p. 226, jul./dez. 2013.

PEREIRA, J. L. G.; SOUZA, F. C. (2020). “Formação de Técnico em Agropecuária no Brasil e na Espanha: Projetos de vida da juventude rural.” *Revista de Economia e Sociologia Rural*, 58(4), e202404.<https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.202404>.

RIGOTTO, R. M.; VASCONCELOS, D. P.; ROCHA, M. M. “**Uso de agrotóxicos no Brasil e problemas para a saúde pública.**” *Cad. Saúde Pública*. 2014; 30(7):1-3. Acesso em: 22 de agosto de 2021.

SANTOS, F.P.; CHALUB-MARTINS, L. “Agroecologia, consumo sustentável e aprendizado coletivo no Brasil.” **Educação e Pesquisa**, 38 (2), 2012.

SEVILLA GUZMÁN, E. “A perspectiva sociológica em Agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas.” *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v.3, n.1, jan./mar, 2002.

SOUSA, R. P. “Educação em agroecologia: reflexões sobre a formação contra-hegemônica de camponeses no Brasil.” *Cienc. Cult.* vol.69, n.2, São Paulo, abr./jun, 2017.

SOUSA, R. P. “*Educación profesional y sabidurías de los jóvenes campesinos en la Amazonía: una reflexión desde la agroecología política*”. Tese (Doutorado) - Universidad Pablo de Olavide, Sevilha, 2015.

SOUSA, R.P. “Agroecologia e educação do campo: desafios da institucionalização no Brasil.” *Educ. Soc.*, Campinas, v. 38, nº. 140, p.631-648, jul.-set., 2017. Link - SciELO - Brasil - AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIOS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO NO BRASIL AGROECOLOGIA E EDUCAÇÃO DO CAMPO: DESAFIOS DA INSTITUCIONALIZAÇÃO NO BRASIL
<https://doi.org/10.1590/ES0101-73302017180924>. Acesso em agosto 2021.

SOUZA, P. M; FORNAZIER, A; SOUZA, H. M; & PONCIANO, N. J. “Diferenças regionais de tecnologia na agricultura familiar no Brasil.” **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 57(4), 594-617, 2019.

SILVA, A. R. “Dinâmica da implantação de uma feira agroecológica no IFRN campus Ipanguaçu.” Trabalho de conclusão de curso (Graduação) - Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia, Ipanguaçu, 2019.

TEIXEIRA, C. T. M; PIRES, M. L. L. S. “Análise da Relação Entre Produção Agroecológica, Resiliência e Reprodução Social da Agricultura Familiar no Sertão do Araripe.” **Rev. Econ. Sociol. Rural**, 55 (1) • Jan-Mar 2017.

**APÊNDICE A – CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DOS ALUNOS
EGRESSOS DO CURSO DE NÍVEL SUPERIOR TECNOLOGIA EM
AGROECOLOGIA NA CIDADE DE IPANGUAÇU**

Gostaríamos de iniciar agradecendo aqueles(as) que puderem nos ajudar respondendo esse breve questionário, pois sou estudante concluinte do curso Tecnólogo em Agroecologia e preciso desses resultados para conclusão do meu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC e obtenção do meu diploma. Pedimos que, se possível, possam respondê-lo o mais breve, pois já estamos com o prazo avançado em função do distanciamento social devido ao Covid-19 e tivemos que mudar o objetivo do trabalho e, por isso, acabou atrasando em relação aos prazos de entrega do documento final.

QUESTIONÁRIO

*Obrigatório

1. Qual é o seu nome? *
2. Qual é a sua orientação sexual? masculino, feminino, não informado *
3. Qual a sua cor de pele? *
4. Qual o seu estado civil? solteiro(a), casado(a), divorciado(a), viúvo(a) ou união estável *
5. Quantos filhos(as) você possui? Nenhum, 1, 2, 3, acima de 3 *
6. Qual sua renda mensal? 0,5-1,4 salários; 1,5-2,4 salários; mais do que 2,5 salários *
7. Qual a sua idade no período de início do curso? *
8. Qual a sua idade no período de conclusão do curso? *
9. Qual a sua idade atual? *
10. A qual turma pertencia? (2012, 2013, 2014, 2015, 2016)? *
11. Já trabalhou como agroecólogo(a)? *
12. Após a conclusão do curso, sentiu dificuldade em se inserir no mercado a partir desta formação em análise? *
13. Já trabalhou em algum segmento das ciências agrárias que não seja como agroecólogo(a)? *
14. Quanto tempo, após a conclusão do curso, conseguiu se inserir no mercado? Em até 6 meses; Em até 1 ano; Após o primeiro ano; Ainda não consegui me inserir com a formação de agroecólogo(a) *
15. Atualmente exerce alguma atividade remunerada? Se não, pule para a questão 19 *
16. Trabalha atualmente como agroecólogo(a)? Se sim, qual setor ou empresa?
17. Trabalha atualmente em algum segmento das ciências agrárias que não seja como agroecólogo(a)? Se sim, qual setor ou empresa?
18. Trabalha atualmente em alguma área totalmente distinta à agroecologia? Se sim, qual setor ou empresa?

19. Possui alguma outra formação acadêmica de nível superior que não seja Tecnólogo em Agroecologia? Se sim, qual? *

20. Descreva o sentimento que tem com relação ao curso em uma única palavra ou sentença.

*